

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

**IRACEMA
D I L I A N**

Estréla do cinema europeu,
é a primeira figura de um
filme português feito em
Espanha—«Madalena, 0 em
comportamento», a apa-
recer em breve em Lisboa.



ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 / 8 DE NOVEMBRO DE 1945

N.º 234

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:

JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR:

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA, LIMITADA

PRIMEIRA COLUNA

LISBOA BONITA

POR ANIBAL NAZARI

QUE me perdõem os provincianos que visitam a capital — nas férias, na estúpida de D. José, passam perante o edifício do Eden, dão uma vista de olhos pelo Museu dos Côches e pelos Jardínios, penduram-se nos «eléctricos» para se intrahrem das comodidades de quem vive na cidade — e vão para a terra dizer, erradamente, que viram Lisboa...

Em primeiro lugar — e disso não têm eles culpa, os simpáticos provincianos que nos visitam — para se saber ver Lisboa é preciso, é indispensável ser-se «sinfacinho». Os olhos bem intencionados de todos nós (quem o fêlo ama, bonito lhe parece...) poisan sobre as colinas com ternura, acariciam as velhas paredes do Castelo, transformam o mau em razoável, o razoável em bom — e o bom em óptimo! Assim, construída pela imaginação «equívoca» de um lisboeta, «Lisboa é bela» — como se diz na canção...

Há poesia nas vielas que os provincianos não visitam; há beleza naquelas escadas estrelinhas que eles não deitam — porque querem ver as avenidas; há encanto nas crianças estarrapadas que nos pedem canção e vendem jogo da lotaria, pelas ruas, de madrugada...

Os próprios grupos de cegos, que por aí andam a gritar alto e com acompanhamento à viola, que a miséria é muita — são uma atracção da cidade, quando vistos, é claro, pelos olhos condescendentes dos lisboetas; as próprias pessoas que dormem, à noite, nos bancos da Avenida, dão uma nota de ternura ao ambiente...

Não! Os provincianos não sabem ver Lisboa!
Vem só o que é rico, o que está de pedra e cal e esquecem estes pormenores que definem a cidade. E ainda bem, meus amigos, senão, iriam para a sua terra pastados, de verem tanta coisa pobre numa cidade tão rica...



O GENERAL EISENHOWER TEM UM SÓSIA!

Este miúdo, que, à primeira vista, pode parecer filho do general Eisenhower, é, apenas, sem sósia.

O pequeno «Ike» vive com sua família em Loux, Estado de Iowa, e chama-se George Thomas Morton. Tem dez anos e muita validade em se parecer com o famoso militar e em se vestir como ele...



3

FOTOS DE
ESPAÑA
QUE MOSTRAM
COMO "VIDA
MUNDIAL ILUS-
TRADA" É LIDA
E APRECIADA
NOS PAÍS
VIZINHO.



Esta amadurezinha, lá, acaba de comprar a nossa revista na Praça de Cibulo, cujo estátua se vê ao fundo. — Surpreendido parece perguntar isto da gente comprar uma revista ilustrada, é caso para nos tirarem o retrato? — Aqui e Barcelona, o isto e o «Sanheritas» Martí Pol, lendo tranquilamente, a nossa revista.

(Fotos, gentilmente cedidas pelo jornalista M. Carril)

*****>*****<*****

FILOSOFIA E IMAGENS

*** POR ANTONIO RUAS ***

DUMA vez, traduzi no Brasil a «Filosofia de William James». Mais tarde, comprei um livro editado na Argentina, onde havia, verdadeiras em castelhano, algumas passagens do mestre americano, que me puz a confrontar com o meu trabalho. Aquilo que era simples, no original e na minha versão, tornou-o complicado e empolado o tradutor espanhol. E isto por uma razão: o seu estilo não era sóbrio, tinha de atingir à sua maneira tudo o que pensava e até tudo o que traduzia. Não podia fugir ao seu destino bombástico, gongórico, emplumado. Isto é, era mau escritor e péssimo tradutor.

Lembro-me que mandei uma vez esperar um amigo meu à caminheta da carreira, na terra onde vivo, por um criado analfabeto. Esse meu amigo apou-se numa venda, cujo proprietário, que me conhecia, o cumula de atenções. O recém-vindo delinco-lhe a sua identidade: era médico e deputado da nação.

Passados dias, o meu criado, em conversa com o pessoal, traduziu assim o cartão de apresentação desse meu hóspede: «era médico da medicina e deputado da lei do país».

Reproduzi desta forma a conversa que ouviu no seu próprio estilo, empois, deturpou, como certos tradutores que, apesar de possuírem mais luz, fazem quasi a mesma coisa, e como certos homens que ao apresentarem os seus pensamentos ou os pensamentos dos outros não procedem diferentemente.

Visto que cada língua tem o seu estilo próprio, a sua música verbal, e que o tradutor verdadeiro tem a fazer não é transportar palavras, mas pensamentos. É o método dos grandes mestres. Foi assim que Cervo traduziu os dois discursos de Echines e de Demostenes sobre a Corça, dizendo: Traduzi-o, não como intérprete, mas como orador. Foi do mesmo modo que Arnould traduziu as «Confissões de Santo Agostinho».

Mas traduzir à maneira de Cervo e de Arnould não quer dizer que o tradutor se substitua inteiramente, nas suas formas de expressão, ao autor. Há sempre qualquer coisa da letra a respeitar, a correição das ideias, a seqüência das frases, o ritmo do pensamento. Por isso, o tradutor deve ser um pensador e um artista. Além da profundidade e de honestidade, deve haver o gosto.

As figuras literárias ornar e ilustrar o discurso, dão à narração uma clareza e um brilho que a tornam mais acessível à compreensão do leitor, sugerindo-lhe além disso ideias que o escritor omitiu ou incompletamente esboçou. Sem elas, fica a prosa desataviada, monótona, seca. Constituem verdadeiramente a arte de um autêntico homem de letras.

A respeito de inteligência e talento, lembro-me desta comparação: Podemos neste caso empregar o símile da água da chuva e da terra onde cai. Muitas vezes ou quasi todas as vezes, a água que do céu desce sobre a superfície do nosso planeta apenas molha as camadas cinzelas e desliza em direcção a rios e regatos; assim sucede com multissimas pessoas que, por mais que leiam, não aprendem nada; outras vezes, a água infiltra-se em terrenos mineralizados e, depois, irrompe em fontes de águas alcalinas, sulfurosas, etc.; é o que acontece a quem lê assimilando, e que daí a pouco escreve e fala numa língua fortemente impregnada dos materiais que absorveu. É o característico da inteligência.

Raras vezes a água penetra camadas geológicas onde existe o precioso elemento descoberto por Madame Curie, e neste caso, ela vem à superfície não com notáveis propriedades químicas, mas com fortes elementos dinâmicos que estimulam a vida, que regulam o metabolismo basal, e a que a medicina chama rádio-actividade. Da mesma forma a cultura em certos espíritos vai-lhes despertar muito principalmente os elementos rádio-activos que estão latentes no seu cérebro. É o talento. Está bem de ver que neste caso a água simboliza a cultura, e a terra, o cérebro humano. A cultura cai no cérebro, e este se é bronco repele-a, se é inteligente assimila-a, e se tem talento dá-lhe poderes de vida e criação.

Há certos homens em Portugal, como deserto os houver por toda a parte, que, quando uma pessoa aventa ideias próprias, originaes, pelo conteúdo ou pelo estilo, que não se lhes casam com o bestinho, muito grosseiro e embotado, descargam o seu despeito ou a sua inveja, di-

(Continua na pág. 14)

PANORAMA

PORTUGAL



Bourbon e Meneses, escritor e jornalista de pessoalismo estilo e opiniões desassombradas, obteve o «Prémio Augusto de Castilho» com o seu livro «Sua graça é Lisboa». Homagem justíssima a um escritor que sempre se tem revelado um sincero e devotado amigo da capital, ela deve alegrar quantos se interessam e querem as coisas cidasinas.



JAPÃO

AMÉRICA

Esta mulher é uma sobrevivente de Hiroshima, vítima da bomba atómica. Será desportuno pedir aos homens que ponham os olhos nesta foto e a vejam como um aviso à Humanidade inteira?

A Ciência nada pode fazer neste caso, e esta mulher irá aumentar o número de mortes da tríplesite celebre cidade japonesa!

Hedy Lamarr, casada com o actor inglês John Loder, tem um formosissimo bebé de três meses.

A foto mostra-nos o feliz casal, enleado na alegria do seu lar.

As súas do pai são mortuadas pelo seu trabalho num próximo filme...



JAPÃO

Os japoneses cada vez demonstram mais predilecção pelos costumes e trajes europeus. Aqui vemos raparigas japonesas que se dormam ao sol da praia, e que por pouco se não confundem com portuguesas raparigas do nosso Estoril. Por pouco — mas felizmente que esse pouco existe...

NASCEU-HE UM DENTE!

É ou não é o que parece estar dizendo á esta simpática múndu que se chama Mário Filipe Amóêdo Pinto?

FOTO SILVA NOGUEIRA



REGRESSO
DE
Sylvia
Sidney

O CINEMA

ESSE DESCONHECIDO...

O artigo que publicamos, num dos últimos números, lamentando que o acto da restituição de Timor à soberania nacional, culminado pelo desembarque das tropas expedicionárias em Dili, não tivesse sido registado em imagens cinematográficas, trouxe até nós muitas manifestações de aplauso. Não invocamos o facto para nos congratularmos com penas de pábulo, pois o que dissemos qualquer outro o poderia ter dito, fazendo-se eco, como nós nos fizemos, daquilo que todos os portugueses sentiram, ao ver as «ecrãs» nacionais cheios de imagens de libertação de terras estranhas e vazias justamente das que mais nos interessavam, e que poderiam documentar o termo da ocupação do único território nacional, que foi conquistado pela presença do invasor na mais feroz guerra de todos os tempos.

Nem valeria a pena voltar ao assunto, pois esta omissão é das que nos ferem dolorosamente e que se esquece, por ser irreparável — se não houvesse mais alguma coisa a dizer, quer no que se refere ao facto em si, quer das lições a tirar para o futuro.

Assim, subimos posteriormente, que as entidades cinematográficas particulares se interessaram a mais possível por existir, a tempo e a horas, as sequências necessárias para acompanhar as forças expedicionárias e registar, em imagem e som, todos os aspectos da sua intervenção no Extremo-Oriente. António Lopes Ribeiro, em concreto, conosco, falou-nos das múltiplas diligências levadas a cabo para assegurar as tomadas de vista, complexas da missão que as nossas tropas, em tão difíceis circunstâncias, iam desempenhar. E a Companhia Portuguesa de Filmes, por intermédio do seu administrador-geral Dr. Rodrigues Pinto, ofereceu, às entidades oficiais, sem qualquer encargos para o Estado, os seus técnicos e aparelhagens, com técnica finalizada. Disse-nos que a câmara cinematográfica era indelével a bordo dos navios que seguiam com rumo a Timor. Porque não houve qualquer possibilidade de a emborear ou fazê-la chegar por avião, com os técnicos imprescindíveis, hipótese que chegou a acentuar-se.

Os relatos que Ferreira da Costa vem publicando no «Cinéma» fazem-nos sentir, cada vez mais, o desajuste de não ter havido uma câmara cinematográfica a flutuar, para os arquivos nacionais e para o público que se comprime nas nossas salas, e espécie de redeção do Timor português. E, no entanto, o próprio Estado mantém um departamento que poderia ter assegurado, em imagens animadas, o relato fiel do que se passou. Referimo-nos à Secção Fotográfica e Cinematográfica do Exército, afecta aos Serviços

(Continuação da página 14)



Outro mistério: Sylvia Sidney. A vedeta de «Fugitivas», «Só vivemos uma vez» e «Ruas de Nova York», que foi há alguns anos, o grande romance de Frits Les, desapareceu da cena, sem que lhe faltasse o favor do público ou o reconhecimento do seu talento.

Pois Sylvia vai reaparecer. E encarna, no novo filme de James Cagney, do que sobra o solo, o principal feminino — a estranha figura dumha pérfida japonesa. Cagney é o jornalista americano que descobre o «Memorial Tanaka» — o plano japonês para o domínio do mundo.

Saudemos no regresso de Sylvia Sidney, o estrela que nos habituámos a estar e que tem um público tão numeroso como fiel.

UM BEIJO AQUÁTICO



JACKIE Cooper e Bonita Granville continuam em sua «mel». E, como tal, buscam as «das» as ocasiões, para se divertirem com um belo de amor, o afecto e os tite — e os levou ao altar.

Um fotógrafo indiscreto resolveu pregar-lhes uma partida. Instalou na vigia da piscina onde o parinho costumava banhar-se e não pensou o seu tempo! Mesmo debalde de amor atraído irresistivelmente.

Na outra foto, vemos Jackie e Bonita — e que bonita ela é! — radiantes e felizes, a caminho de casa.

Que sabor terá um beijo... aquático? Em boa verdade, eles não foram declarações à Imprensa, sobre o assunto. Pela nossa parte limitamo-nos a supor de que terá que ser extraordinariamente ardente, para compensar a temperatura da água.

O que pensamos os leitores?



UM INQUÉRITO ORIGINAL

Elas são doidas per...

UMA revista americana abriu, recentemente, um inquérito para averiguar quais as preferências das grandes vedetas. A cada passo, nos conversas se ouve as raparigas dizer: «eu sou doida por música, por sorvetes, por novelas policiais, etc...» Pois muito bem: se querem saber quais as coisas por que elas são doidas, leiam, adiante de cada nome, o motivo das respectivas preferências!

Susan Forster.....	Soságo
Greta Garbo.....	Banhos de sol
Judy Garland.....	Música
Virginia Gilmore.....	Perfumes
Paulette Godard.....	«Sweaters» de malha
Betty Grable.....	Dança
Katherin Grayson.....	Viajens
Bonita Granville.....	História da Inglaterra
Virginia Grey.....	Presento com ovos
Carole Landis.....	Obras de Noel Coward
Rosemary Lane.....	O seu cão «Buddy»
Frances Langford.....	Magazines
Vivien Leigh.....	Escrever
Jean Leslie.....	Sorvetes
Ida Lupino.....	Shakespeare
Diana Lynn.....	Piano
Joan Marsh.....	Representar
Mary Martin.....	Trafos à sports
Eve Merkel.....	Vestidos pretos
Carmen Miranda.....	Sapatos
Marta Montez.....	Jóias antigas
Michèle Morgan.....	Autógrafos



AS ESTRELAS EM CASA...

KRISTINA SÖDERBAUM, a grande artista que actualmente nos é dado admirar no filme *O Lago dos Sinhos*, não é só estrela de cinema. Casada com o realizador VEIT HARLAN, a encantadora actriz é também uma mãe carinhosa. KRISTINA SÖDERBAUM reserva todos os momentos disponíveis para se dedicar ao seu «bebé», um delicioso loirito que talvez um dia reúna a arte da mãe e o talento do pai. Já repararam que artista ele seria?

Jane Russell, que aqui vêm, pode considerar-se uma das revelações de Hollywood dos últimos tempos. Como mulher apresenta-se-nos — simplesmente encantadora! Como actriz — revela talento e personalidade.



No seu próximo filme, «Lux no Alarmes», Deanna Durbin pela primeira vez, interpreta um papel dramático. É o romance duma mulher casada com um homem de baixos sentimentos. E a sua queda, de degrau em degrau, até ao abismo. O amor ilumina-a como um facho ardente. E encontra a paz e a redenção. Ao lado do famoso artista, veremos Gene Kelly, na figura do transviado.



O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO DE CINEMA

Alegrem-se, leitoras! Vai saber-se quem são as escolhidas para o nosso concurso «Preclisam-se seis raparigas engraçadas». O Juri vai reunir e apreciar as qualidades das candidatas. Não têm, pois, muito que esperar...

E, como já dissemos, as escolhidas serão doze, em vez de seis, atendendo ao elevado número de concorrentes, que se contam por centenas.

HISTÓRIA

DANOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXIX

A superioridade dos aliados afirma-se



EDWARD STETTINIUS JR.
Administrador da Lei de Empréstimo e Arrendamento que tanto contribuiu para transformar os Estados Unidos no arsenal das democracias.

SIMULTANEAMENTE com as batalhas terrestres, desenvolvidas nos dois principais teatros de operações que se haviam criado no desenvolvimento da luta contra a Alemanha e os seus satélites, o teatro de operações mediterrâneo, localizado no Norte de África, e a frente leste localizada na Rússia, no ar e no mar ocorriam, acontecimentos da maior importância sob o ponto de vista estratégico, os quais deviam determinar uma modificação radical do curso da guerra, sobretudo quando os seus efeitos se conjugavam com os episódios decisivos que se destinavam a preparar a derrota irremediável do nazismo: as batalhas de Alamein e Estalinegrado e o desembarque americano no Norte de África.

A coincidência e a simultaneidade destes episódios, cuja importância só agora começa a poder ser avaliada com certa precisão, foram factores de primordial importância para a decisão do conflito a qual não levou muito tempo a desenharem-se com suficiente clareza para que o seu sentido offerecesse dúvidas a alguém. Esse sentido era o da vitória da causa dos Aliados, cuja superioridade não deixaria mais de se afirmar à medida que a luta proseguia e aumentava de intensidade.

Ultrapassada a crise do verão de 1942, que, segundo os depoimentos unânimes dos chefes militares aliados, colocou a sua causa à beira da derrota irremediável, os anglo-americanos, por um lado, os russos, por outro, puderam energir, embora à custa dum esforço gigantesco, da sucessão de desaires que os a submer-

gindo, para prepararem, com uma rapidez imprevista e desconcertante para os seus adversários, as condições prévias que deviam apressar a sua vitória definitiva. Essas condições prévias apareciam inscritas em duas designações: a batalha da produção e a batalha dos transportes. O ano de 1942 foi consumido na sua realização, mas sem êle certamente os Aliados não teriam nunca conseguido realizar os seus objectivos fundamentais nos domínios da estratégia e da política.

UM DEPOIMENTO SENSACIONAL

O chefe do Estado Maior do exército americano, general Marshall revelou recentemente a extensão e a gravidade das dificuldades que os Aliados tiveram de enfrentar para fazerem face com êxito à gravidade da situação que se prolongou ao longo do ano de 1942. Mas a parte certamente mais sensacional do seu depoimento é aquela em que Marshall presta inteira justiça aos seus Aliados afirmando, com a sua indiscutível autoridade profissional e a sua reconhecida probidade pessoal que o seu país em pouco contribuiria para evitar o desastre que, se tivesse surgido nessa altura, daria uma vitória incontestável aos exércitos totalitários na Europa e na Ásia.

Segundo o testemunho irrefutável do general Marshall nessas horas, mais negras do que quaisquer outras, mas negras do que as dos Aliados, esta pôde ser salva graças à determinação da linha recta, à vitória, Deter-nos-emos recusaram heróicamente a aceitar a fatalidade da derrota e reagiram à

violentíssima ofensa dos nazis concentrando todas as suas forças e energias materiais e morais num supremo esforço que salvou o Egipto e Estalinegrado da conquista alemã.

Mas, ao mesmo tempo que as perspectivas nos campos de batalha se apresentavam com um carácter sombrio ao longo da primavera e do verão de 1942, até que no outono se modificaram radicalmente com as batalhas decisivas de Alamein e Estalinegrado e com o desembarque americano no Norte de África, os Estados Unidos contribuíam, mais do que qualquer outro país, para que os Aliados ganhassem a batalha da produção em todos os domínios e se preparassem para ganhar, na primavera do ano seguinte, a batalha dos transportes dominando, com o concurso da Grã-Bretanha, a ameaça submarina nas águas do Atlântico e construindo, assim, os alicerces para a realização prática da estratégia de coligação que devia conduzir, em linha recta, à vitória. Deter-nos-emos não capitulou, na análise das condições em que essas duas batalhas foram ganhas.

O ARSENAL DAS DEMOCRACIAS

O presidente Roosevelt prometera aos seus aliados que os Estados Unidos seriam o arsenal das democracias. Cumpriu escrupulosamente a sua promessa através da lei de Empréstimo e Arrendamento cuja execução prática confiada a uma individualidade de primeira linha, o antigo administrador da General Motors, Edward Stettinius Júnior, se traduziu imediatamente nos maiores benefícios para a causa comum dos Aliados.

Os Estados Unidos, entre Dezembro de 1941, data em que se produziu o incidente de Pearl Harbour, e Julho de 1942, data em que a cidade de Tobruk caiu nas mãos de Rommel, mobilizaram, sem qualquer interrupção, como aconteceu com a Grã-Bretanha cuja exigência relativa de recursos obrigou o governo britânico a exigir do seu povo sacrificios incomparavelmente maiores, numa tal proporção que não tardou a reconhecer-

se que todos os planos dos alemães se malograriam irremediavelmente no caso de lhes não ser possível conseguir um declínio da luta no verão ou o mais tardar, no outono de 1942.

Como esta hipótese, única que poderia salvar o Reich e os seus satélites, se não verificou, as probabilidades duma derrota total começaram a acentuarem-se, a partir dessa época. O depoimento do general Marshall, que agora aparece em público, não faz senão confirmar definitivamente as suposições que, a esse respeito, vinham há muito a ser formuladas por toda a parte. Esse depoimento demonstra que no final do verão daquele ano, quando o Führer pronunciou o seu famoso discurso anunciando que o Reich ia passar da ofensiva sistemática à defensiva agressiva, antes de Alamein, de Estalinegrado e do desembarque no Norte de África, acontecimentos que se revelaram verdadeiramente inesperados para os dirigentes políticos e militares alemães, o Reich podia ainda alimentar algumas esperanças, senão numa vitória total, ao menos numa paz de compromisso que não representasse a hipoteca irremediável do seu futuro e a perda irreparável de tudo o que tinha sido alcançado em duas décadas de trabalhos e de sacrifícios.

O INSPIRADOR E O ARQUITECTO DA ESTRATEGIA MUNDIAL

Antes que a realidade se revelasse sob as suas verdadeiras cores, no outono de 1942, o Estado Maior alemão, na euforia das vitórias alcançadas durante o verão, considerava ainda o inspirador e o arquitecto duma estratégia mundial que devia salvar a nação de todas as dificuldades, não reparando certamente que a capacidade de iniciativa, concepção fundamental para a realização de qualquer vitória militar de todo o mundo, estava em mãos.

O Estado Maior alemão, escrevia-se na imprensa alemã, nas vésperas das batalhas de Alamein e Estalinegrado, é o verdadeiro inspirador e arquitecto duma estratégia mundial. Ele desvendou a guerra,

GENERAL MARSHALL
que acaba de fazer revelações sensacionais sobre os acontecimentos que em 1942, colocaram os Aliados à beira da derrota.

(Continua na página 16)

Viddo...

NOS Estados Unidos, onde se fazem estatísticas por tudo e por nada, o Instituto Gallup calcula que, geralmente, no curto espaço de um mês (entre Novembro e Dezembro) perde-se cerca de 24.000.000 dias de trabalho devido às doenças, e as perdas económicas causadas, anualmente, por este motivo, atingem à soma astronómica de 3.000.000.000 de dólares.

A doença mais frequente nos Estados Unidos é a vulgaríssima constipação. Os norte-americanos são atacados por esta incômoda forma de doença a uma média de 200.000.000 a 400.000.000 de indivíduos por ano.

Embora, em Portugal, o número de constipados não possa atingir, pelo seu coeficiente populacional, números tão fantásticamente impressionantes, muitas são as vítimas do vento, da chuva, do frio, etc. Por esse motivo, nos fazemos eco das

medidas aconselhadas pelos cientistas norte-americanos para evitar as constipações e as suas consequências mais vulgares e frequentes como a gripe e a pneumonia.

As constipações, na sua maior parte, atacam todos aqueles cujo estado físico é favorável ao desenvolvimento da doença. Portanto, a melhor maneira de evitar as constipações é manter, tanto quanto possível, um bom estado de saúde geral.

No entanto, isto não impede de modo algum que uma pessoa nestas condições apanhe uma constipação, mas os médicos julgam que é o meio mais viável de a evitar.

Ela, pois, uma série de regras simples e facilmente recordáveis para conservar um bom estado de saúde geral:

1) *Durma bem e bastante.* Otto horas é o tempo mínimo de sono requerido para a maior parte das

pessoas. Durma num quarto que seja fresco, mas não excessivamente, certificando-se de que o ar puro faça corrente de passagem pelo seu rosto.

2) *Coma convenientemente.* Certifique-se que a sua dieta contém bastantes vitaminas minerais e proteínas existentes geralmente nos vegetais, frutas, leite e carne. Deve comer destes alimentos todos os dias.

3) *Trabalhe sensatamente.* Conserve o seu local de trabalho bem ventilado, não excessivamente aquecido nem demasiadamente seco. Não trabalhe continuamente. Descanse sempre que se sintá cansado.

4) *Faça exercícios ao ar livre.* Se for fraco, não necessita dedicar-se a exercícios violentos. Basta um passeio a pé ao ar livre para o conservar em boas condições.

5) *Vista-se convenientemente.* Duma maneira geral, os homens andam excessivamente vestidos em casa e as mulheres assem para a rua sem estarem devidamente preparadas para o tempo que faz de inverno. Conserve os pés quentes e secos quando as ruas estiverem lamacenta.

6) *Tome um banho de chuveiro todos os dias.* A pele é uma importante protecção contra os micróbios. Não é suficiente conservar a pele limpa. A circulação também deve ser estimulada para se ser saudável.

7) *Evite as multidões.* Quando os casos de constipação ou gripe são epidémicos, deve evitar-se os locais onde se reúnem grandes multidões — teatros, grandes armazéns, carros de transporte público, etc. — as horas em que forem mais frequentadas.

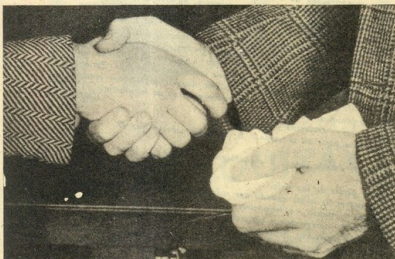
...COM ESSA CONSTIPAÇÃO!



As constipações são aborrecidas e dispendiosas. Em média, uma constipação obriga o doente ao valor aproximado de 500\$00 por ano, por cada pessoa. Nos Estados Unidos, as perdas directas em ordenados atingem 60.000.000 dólares por ano.



As constipações são perigosas. Não em si, mas devido às complicações que provocam, particularmente entre as crianças. A gripe, a pneumonia e muitas outras doenças mais sérias são originadas muitas vezes por uma simples constipação a que não se ligou importância.



As constipações transmitem-se por contacto: o aperto de mão, os beijos e o contacto com os objectos que são manjeados também por outras pessoas, tais como telefones, lápis, etc. De modo que, quando estiver constipado, tenha cuidado com os seus vizinhos e isole-se.



As constipações também são transmitidas pelo tosse e pelos espirros. As constipações são provocadas por um microbio infinitesimal que flutua no ar. Aquêle que tosse ou espirra sem cobrir o nariz e o bôco com um lenço torna-se uma ameaça pública.

CALÇADA DA GLÓRIA



A MARGEM DAS ELEIÇÕES

Na última sessão realizada na Liga 28 de Maio, o sr. dr. Manuel Múrias evocou as velhas eleições do «carneiro com batatas»... Como o carneiro é pouco e as batatas são já raras, dizem que o sr. dr. Múrias fez crescer água na boca à respeitável assistência...

As entrevistas sucedem-se em todos os jornais. Cada um diz

de sua justiça, todos procurando chegar a brasa à sua sardinha:

Eu falo.
Tu escreves.
Ele cala-se...

Recebemos uma lista contendo seis nomes para vogais da Junta da nossa Freguesia. Nunca ouvimos falar em nenhum dos nomes inscritos. Seriam pseudónimos?

Os jornais publicaram, há dias, esta declaração atribuída ao sr. Avêlino Quintino de Jesus:

— Os dois primeiros anos da Ditadura foram os dois mais calamitosos anos de governação desde que Portugal é nação!

Será assim?

Encontrámos ontem o sr. conselheiro Acácio, que descia o Alecrim em direcção à sua taboada do Ferregial, Falmós das eleições.

— V. Ex.^a vota, senhor conselheiro?
— Não, meu bom amigo. Limito-me, desta vez, a fazer votos...

SENHORIOS



Certo senhorio, rico e fantatista, que tem nada mais nada menos do que 130 inquilinos, decidiu fazer uma espécie de plebiscito para ver se era estimado. No dia designado para o acto, verificou que tinham entrado na urna 120 listas; que dessas 120, 108 eram contrárias, e só duas favoráveis; mas, vaidoso como é, tratou de espalhar que os inquilinos estavam todos com ele, e que ele, em paga do seu reconhecimento, lhes ia aumentar a renda...

Ele sempre há cada senhorio!



O PARDAL E O MELRO

EM arquitectura há, em Portugal, quatro estilos definidos: o estilo manuelino, o estilo pombalino, o estilo paslino — e o estilo pardalino. O estilo pardalino nasce, como sabem, da mão (lícita, é claro) do lápis e da régua do sr. Pardal Monteiro — que sobre hoje esta calçada em direcção à Glória.

Não falta quem critique ásperamente o estilo pardalino. Em contrapartida não falta quem o exalte como a 8.^a maravilha, não diremos do mundo, mas de Lisboa. De quasi todas as casas deste mundo se pode dizer bem ou mal, porque quasi tudo, sobre a terra, tem o seu lado mau e bom. O estilo pardalino tem virtudes e defeitos, mas, nem por isso, ou talvez por isso mesmo, o seu autor deixa de apontar-se como um homem que se distinguia, empuando uma régua e um compasso, as suas armas de combate.

Permita, pois, Ex.^{ma} Pardal, que lhe envie os seus cumprimentos

UM MODESTÍSSIMO MELRO



A quem trema dos sábios. Em não perfilho esta doutrina, embora receia daqueles que fazem demediado alarde da sua ciência. O verdadeiro sábio é discreto e modesto. Uma tarde destas tive ocasião de conhecer um destes tres mendos sábios que, por tudo e por nada, pretendem mostrar todo o empirismo do seu saber. Estávamos dois ou três pessoas a presentear; abordaram-se vários assuntos, o silabete sábio deixou quem conversa; e, nem um só momento, na leve despretensão de querer revelar que de tudo percebia a fundo. E indicávil de que o saber não ocupa lugar, e que é mais agradável conversar com um sábio do que com um ignorante, mas o sábio que, ostensivamente, nos pretende impor a sua erudição, como um laço de novo-rico, incorre na mais contradição vaidade. Perante

laxo de novo-rico, recorde sempre a história daquele pretencioso erudito determinada categoria de sábios, de barco. A meio da travessia perguntou ao barqueiro: que ia atravessando um rio, de barco?

- Tu sabes o que é a filosofia?
- Eu sei lá o que isso é! — exclamou o homem.
- Pois perdeste a quarta parte da tua vida... E psicologia sabes o que é?
- Isso ainda menos...
- Pois perdeste metade da tua vida... E arqueologia, conhece?
- Nunca ouvi falar...
- Pois perdeste três partes da tua vida...
- E continuava nesta ordem de ideias quando um redemoinho voltou, inesperadamente, o barco, lançando na água o erudito e o barqueiro.
- O senhor sabe nadar? — perguntou o barqueiro ao erudito.
- Eu, não! — retorquin o erudito, debatendo-se na água.
- Pois então — retorquin o barqueiro tranquilamente — vai perder toda a sua vida...
- Instantes depois, os sábios, com toda a sua pesada erudição, desaparecia sob as águas inquietas.



Um PHILCO um lindo móvel e uma deliciosa companhia.

PHILCO traz a alegria ao nosso lar!!!

BREVEMENTE À VENDA NA
CASA JOSÉ COSTA

RUA DE S. PAULO, 11-13 • LISBOA • TELEF. 2 4888



NA CIDADÉ
NO CAMPO
NA PRAIA

As
MALHAS LOCITAY

Revelam a distinção e o bom gósto das pessoas

À VENDA NAS MELHORES CASAS



ROSA MARIA
SOBRAL CID
EXPOE NO
PARQUE ESTORIL

ROSA Maria Barroso Sobral Cid é um caso precoce de extraordinária vocação artística.

Na idade em que as crianças encontram nas bonecas o dilecto entretenimento, Rosa Maria, ansiosa, procura, no recolhimento da sua alma, criar beleza com os pincéis. Discipula dilecta de Eduarda Lapa, a sua primeira exposição foi uma autêntica revelação. Depois, sempre estudando, deixando correr à rédea solta a fantasia, soube interpretar, romântica e apaixonada, as cores maravilhosas da Beleza — em quadros que muitos artistas, já de nome feito, não desprezariam nasnar. Rosa Maria Barroso Sobral Cid, que é filha do ilustre advogado Dr. António de Matos Sobral Cid, apresentou,



novamente, no Salão da Junta de Turismo de Cascais (Parque Estoril), alguns dos seus recentes trabalhos, que foram um autêntico êxito.

A jovem artista, que vem progredindo, afirma-se já um valor com que a pintura portuguesa poderá contar. Tem técnica — um sentido psicológico de observação, e uma maleabilidade na maneira de acertar as cores que dão frescura e encanto aos seus quadros.

Dentro em breve, Rosa Maria, que não precisa de deixar de ser criança para ser já uma senhora de Arte — terá a justa recompensa do seu aturado estudo: os adjetivos que a consagram.

Inserimos, na nossa revista, dois dos belíssimos retratos da jovem artista.

JANELA ABERTA

O AMOR AINDA MATA...

ABALOU daí a dias. Era um sábado, cheio de sol, doirado de cor. O sino festivo, alegre, batia pelo noivado do João da Elra mais a Joana do Forno. Quedouse ainda um instante, o coração num tumulto, bate que bate, a ver, da soleira da porta, o rebanho gusalhando do Mulato que lá para o pasto. E tinha que ver, na verdade.

A frente, de gorro, descalço, lá o catraio do pastor, dez anos vivo, tocando, como nos tempos bíblicos, a flauta de cana. As ovelhas, todas brancas, úmidas, deixavam no ar o amém-má da sua alegria. O casario, achatado, parecia dormir. Só no adro da igreja havia vultos.

A Joana do Forno ia casar-se. Já passara o padre Francisco, que viera numa mula para benzer, no altar, o matrimónio. Duas lágrimas correram-lhe pela face. Enxugou-as, resoluta, às costas das mãos.

Quis dar um passo — e as pernas vergavam-se-lhe.

Parecia ter o tóutico a arder — assim a modos duns zumbidos de bebedeira. Quis afastar de si todas as lembranças, mas o demónio, a rir, vinha atormentá-lo com imagens e visões.

A Joana do Forno ia casar-se?

Era lá possível, santo Deus!?

O sino, a badalar, era o seu tormento.

Vinha-lhe à memória aquele bailarico na adega do Trinca. Grande animação.

O «Zé Tanso», as duas por três, arremeça lá do harmonio dum puladinho de se perder a cabeça. Acreta-se da Joana, que ainda não dançara, e faz-lhe sinal.

Ela vem. E que bonita! Trazia uma blusa de seda, de ramagens — e um lenço sobre o pescoço que só as damas da cidade podiam usar. As suas mãos calosas de lenhador estretaram a cintura delgada da moça.

Andou assim quanto tempo? Sabese lá. A verdade é que todos abriam a boca, porque par mais bailarico nunca se vira cinco léguas em redor. Depois, noite fora, mudos, de mãos úmidas, entrelaçadas, juraram que haviam de ir ao altar pela matança do porco.

Mas... e para que recordar?

Um dia o outro chegou. A Joana fêz-se esquivar às promessas. Ele percebeu — e disse-lhe:

— Não te importes comigo! Casa se gostas dele. Eu vou partir! Quero também ser feliz noutro lado menos aqui!

Dissera aquilo ao acaso, sem mesmo saber como.

O sino volta a tocar. O suor cobre-lhe a testa; as pernas tremem-lhe de

(Continua na pág. 14)



Assim se fabricam egírias em Hollywood, na Escola de dança da Warner Brothers.



O sr. Alencastro Gonçalves Corrêa dirigindo-se para bordo do contratorpedeiro «Tangar», que o conduziu a Tânger onde foi ocupado o elevado cargo de administrador da Zona Internacional.



Os componentes do Orfão Académico que há vinte anos, visitou o Brasil onde teve uma apoteótica recepção, incluem nas comemorações do aniversário do partido uma visita à Embaixada do país irmão.

O BANQUETE DE HOMENAGEM A

ARTUR REBELO



No Estoril, realizou-se um banquete de homenagem a Artur Rebelo, que deixou o cargo que exercia na Estoril-Plage, em virtude dos seus novos afazeres. Presidiu o sr. Prof. Marques Guedes e usaram da palavra, enalteçando as qualidades do homenageado, os srs. Castilho Faria, pela Comissão Organizadora; Dr. Bastos Guerra, António Tinoco, director do «Diário Popular»; Dr. Armando Marques Guedes, administrador da Sociedade Estoril-Plage, e Fausto de Figueiredo, e, por fim, o agra-dever, o sr. Artur Rebelo.

UM GRANDE CINEASTA ESTÁ EM PORTUGAL

FRÉDÉRIC BERNHEIM

O REALIZADOR DO "TUNEL" FALOU A "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

QUANDO o canhoneio começou a ceifar vidas e lares nessa Europa em fogo, essa debandada de epopéia que os refugiados, martirizados de fome, dormindo pelos cais na balbúrdia febril de cargas e tropas — tratados como fardos humanos, com inscrições nas pausas alfandegárias — sofrendo a miséria de que a fuga precipitada foi cômica — essa debandada, ditames, que procurava um cantinho da terra acolhedora, de sol, para descansar — onde não houvesse o roncar dos aviões nem os silvos do alarme — estacou aqui na Europa Occidental. Espanha e Portugal deram abrigo a milhares de refugiados. Alguns, daqui foram para a América — para essas repúblicas florescentes do Novo Continente, onde a Paz quis fazer ninha.

O México, a Argentina, a Bolívia, o Uruguai têm hoje uma população inusitada de espírito europeu e cosmopolita.

E essa influência pode, de facto, representar um acréscimo de civilização. Homens de cultura, sábios e artistas, gente com poder criador que vive pela arte e que por ela faz sa-

cerdócio, não lhe interessa o clima ou o local — eles vivem pela ambiência ou, por outra, por um clima próprio que sabem criar: a espiritualidade.

E assim que nós vemos em países da Sul-América a influência que as emigrações, não do músculo mas do intelecto, têm levado com o sentido de cultura.

Portugal recebeu, também, a influência dos refugiados.

E não nos digam, enfim, que não trouxeram alguma coisa aproveitável — pelo menos para o comércio... E há que recordar o hábito das esplanadas, que eles tanto frequentaram, com o nosso sol, em mangas de camisa — e aí vamos lá, habituaram a «menina bem» a reparar com mais avontade a «cigarretes» que a engasgava... Foi certo que só se começou a vender «flambrés» — e toda essa numerosa família de secharcuteries — quando os estrangeiros o levavam para casa como delicioso manjar...

Voltando. Aproveitámos, porém, alguma influência cultural? Isso não. E porquê?

Vinham artistas, homens célebres, cientistas de renome. Vistorias, residências fixas, polícia à vista. Em vez do carticho, da facilidade, a burocracia complexa enredava tudo — demorando-os à es-

(Continua na pág. 14)



Os componentes do Centro Escolar D. António José de Almeida, a caminho do jazigo do seu patrono.



Junto do túmulo do antigo Chefe de Estado.

Por iniciativa do Centro Escolar Republicano Dr. António José de Almeida, realizou-se uma homenagem ao túmulo do seu patrono.

Muitos amigos pessoais e políticos do sr. Dr. António José de Almeida depuseram flores no seu túmulo e fizeram, junto do templo um minuto de silêncio.

A Sra. D. Maria José Queiroga de Almeida, viúva do antigo Chefe do Estado, recebeu os cumprimentos de quanto; tomaram parte nessa sentida homenagem de saudade.



O Movimento Naturista Português comemorou o 33.º aniversário do seu advento com uma sessão solene à qual presidiu o Dr. Lyon de Castro.



No Conservatório Nacional de Música foi prestado justo homenagem o memoria do Ministro David de Sousa. Na foto vê-se o general Amílcar Moto, representante do Chefe do Estado, descrevendo o busto do grande artista.

UM GRANDE ACTOR PORTUGUÊS
JOÃO VILLARET
VAI À AMÉRICA

João Villaret é conhecido em todo o mundo por filmes como "O Grande Rapto", "O Homem do Furo", "O Homem do Cetro".
O novo contrato de trabalho que assinou com a D. Film, de Nova York, de acordo com o contrato assinado em Lisboa.



Em companhia de um amigo de infância.

João Villaret, conhecido em todo o mundo por filmes como "O Grande Rapto", "O Homem do Furo", "O Homem do Cetro".
O novo contrato de trabalho que assinou com a D. Film, de Nova York, de acordo com o contrato assinado em Lisboa.



Um momento fugaz de "O Homem do Cetro".



O "Rapto", o grande sucesso de João Villaret.



Assim se apresenta o grande actor português.



Clássico, um clássico, clássico um pouco antes de mais não?



O grande sucesso de Villaret, um momento de "O Homem do Cetro".



Um momento fugaz de "O Homem do Cetro".



Um momento fugaz de "O Homem do Cetro".



Um momento fugaz de "O Homem do Cetro".

IDEIAS E IMAGENS

(Continuação da página 3)

zendo que essas ideias são muito discutíveis.

Os portentos querem amesquinhar, depreciar e fazer ver aos outros que são críticos, apurados, sagazes e censores com na alfândega das letras não deixam passar o contrabando, mas afinal nada mais fazem que elogiar.

Porque o característico de toda a ideia que não é corriqueira, chã e sem terra a terra, ligam comum é exactamente esse, ser discutível, digno de discussão, leito e, por em acção o pensamento dos outros, em movimento, em interrogação, em hesitação. E se a ideia consegue lado, despertar o espírito de quem a lê, é uma ideia grande, é uma ideia dinâmica, é uma ideia filosófica.

Se as ideias filosóficas não fossem discutidas deixavam por isso mesmo de ser ideias filosóficas. Porque a filosofia não é feita de verdades assentes, de certezas, mas sim de dúvidas, de hipóteses, de tateamentos, de probabilidades, de interpretações. Pode-se até dizer que quem está muito certo do que diz, quem não sofre o travão da dúvida, não é filósofo.

Esses homens que chamam muito discutíveis a certas ideias que não ligam quadram os não compreendem, estão talvez muito senhores do seu apelo, muito convencidos do que sabem, muito seguros das suas opiniões, e daí o serem uns ignorantes chapados e umas reverendíssimas cavalgadas.

A educação, diz Le Bon, é a passagem do consciente ao inconsciente. É uma criação de hábitos, que se convertem em segunda natureza e que tornam espontâneos, exercidos sem esforço e sem constrangimento.

Ora o amor, para se fazer verdadeiro, tem de sofrer processo contrário. Tem de passar do inconsciente para o consciente. O arrebatamento que se experimentou por uma mulher, ou até a simpatia brusca que se sentiu por um homem, devem ser sujeitos a uma espécie de análise. Só assim pode fixar o amor, integrá-lo do inconsciente para o consciente, sem o que esse amor se pode converter em indiferença, em ódio até.

OPINIONÁRIA

Esse desconhecido...

(Continuação da página 4)

Cartogógrafos do Ministério da Guerra. É certo que são exigidos — e limitam fortemente a sua actividade — a sua criação de hábitos, que se convertem em segunda natureza e que tornam espontâneos, exercidos sem esforço e sem constrangimento.

Temos, assim, que concluir, ante as hipóteses das particularidades a ausência dos serviços oficiais, que não se trata de qualquer monotonia, mas sim de uma monotonia de menor importância e missão do cinema. Há ainda muita gente, entre nós, que o considera por um agente de obscuro divertimento de rapazes e rapariguinhas fáceis, e que o continua a apoiar, apenas um agente de dissolução, uma sequência de crimes, tal e qual a série dos Olimpíacos, quando o cinema faz mais à vista porque estrema, é mais humana e querentíssima, tenaz e infundável histórias de polícias e ladrões...

No momento que somos duma guerra, que o cinema ajudava a ganhar, e que teve, no filme, uma ação de tremenda importância, ainda há quem entre nós não acredite nele. A estes daqueles beltranzes que presidem de mãos dadas a primeira categoria, nos períodos mais difíceis, para que não faltasse ao cinema o alimento de que necessitam, por se ter-se perdido. E porque não podem, de futuro, repetir-se omissões como as de Hitler — e porque nos cabe fazer tudo para comencermos os estudos e os decretos de que se trata o Livro de História dos nossos dias — eis a razão porque eu, uma vez mais, me declaro a favor e incontestável direito, e que the é sistematicamente negado pelos espíritos mais retrógrados ou menos esclarecidos.

FERNANDO FRAGOSO

UM GRANDE CINEASTA ESTÁ EM PORTUGAL

(Continuação da página 11)

per, dum porço que continue, e carregá-os com carga para outro pórtico de desembarque.

Os traços dos retratados é uma epopeia. Homens que correram mundo, por emola dos passaportes, com fortunas destruídas e perdidas. A um que comia por aí, em casas alheias e que não tinha o seu alhoim, dada talvez por caridoso espatalhado, toda a sua vida vivera em palácio, com criadagem de libanos...

Bem — não é d'este que se trata. Entrems na questão: em Portugal está há três annos e meio um dos maiores técnicos do cinema da Europa: Frédéric Bernheim, realizador de «Tunel».

Seria interessante, pois ouviu-o. A sua opinião actualizada sobre cinema e poderes, na verdade servir à nossa arte, que ainda hoje está hesitante. E talvez não devíamos nos esquecer um técnico desta categoria a trabalhar entre nós, já que ele é um emigrante de nossa pátria?

Oigamos o que nos diz «Bernhard» — sua rubrica cinematográfica. — Ora — começa por dizer — que em Portugal já val havingo um sentido de cinema, que tem, e evidentemente, a sahir. Compreende: nada se poderá fazer com recursos escassos. Lá fora, o que fez desenvolver o cinema foi, acredite, a continuidade. Não se pode fazer um, dois filmes num anno — e depois ficar parado. O realizador, o técnico, os artistas — toda essa legião de trabalhadores da tela — vivem de ter, dia a dia, contacto com a arte.

E depois de se explicar aqui? Qualquer pessoa se mete a fazer um filme desde que, antes do arastado de competência traga a recommendação de um sacco de dinheiro... Note — isto não é vortiquejo em louco pretação, mas antes me chamaram a atenção para esse caso de que enferma o cinema nacional.

E depois de se explicar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

— Evidentemente, que nada se pode fazer sem dinheiro — e, sobretudo, em cinema, que é um serviço nacional. E de mais de se ordenar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

— Evidentemente, que nada se pode fazer sem dinheiro — e, sobretudo, em cinema, que é um serviço nacional. E de mais de se ordenar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

— Evidentemente, que nada se pode fazer sem dinheiro — e, sobretudo, em cinema, que é um serviço nacional. E de mais de se ordenar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

— Evidentemente, que nada se pode fazer sem dinheiro — e, sobretudo, em cinema, que é um serviço nacional. E de mais de se ordenar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

— Evidentemente, que nada se pode fazer sem dinheiro — e, sobretudo, em cinema, que é um serviço nacional. E de mais de se ordenar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

— Evidentemente, que nada se pode fazer sem dinheiro — e, sobretudo, em cinema, que é um serviço nacional. E de mais de se ordenar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

— Evidentemente, que nada se pode fazer sem dinheiro — e, sobretudo, em cinema, que é um serviço nacional. E de mais de se ordenar em várias considerações de ordem técnica, Frederic Bernheim prossegue:

MANUEL MARTINHO

CASA CRUZ

LIBRERIA

La

43, Av. 5 de OUTUBRO, 49

MEIAS

DE SEDA, FIO DE ESCOCIA E ALGODÃO

CORES E BARBES

DA MAIS ALTA NOVIDADE

Têm categoria os tecidos que apresentamos

43, Av. 5 de OUTUBRO, 49

Carros que servem a Casa Cruz:
Duque de Avila - Saldanha - S. Sebastião
- Carmo - Almirante Reis - Paragem junto à Aven. 5 de Outubro.

As famosas

IGUARIAS, GÊNEROS ALIMENTÍCIOS E CONDIMENTOS da casa

CROSSE & BLACKWELL

ESTABELECEDA EM 1706

VOLTAM

com a PAZ

Consultos nos agentes — ARNALDO SALGUEIRO & C. — PORTO

OPINIONÁRIO

POR CORRESPONDENCIA, TÍPICOS GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE PORTUGAL

ACADEMIA NACIONAL DE PORTUGAL

A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - PORTO

LIVRARIA ECLECTICA

LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o Uesejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sérico e certo para todas as cascas de ECZEMA (Dumido ou seco), cristas, feridas, erupções, ardeções na pele, etc. ATÉ HOJE NUNCA HOUVE APARECIDO CUSA MELHOR

venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 120gr

MARIA CARMEN

Vai cantar durante um mês, na Ilha da Madeira



Maria Carmen, voz de ouro do fado.

MARIA Carmen, gentilíssima artista, voz de ouro do nosso Fado, que talvez não seja já uma figura de rélevo dos nossos palcos porque o seu amor à chamada Canção Nacional a colocou, como elemento de excepcional destaque, nos tabladros dos melhores «retiros», vai cantar, durante um mês, na Ilha da Madeira, donde lhe chegou um contrato, como reflexo

do êxito dos discos que ultimamente gravou.

Deram-nos a notícia e quisemos ouvir a popular artista antes da sua partida, que se anuncia para estes dias.

Telefonámos-lhe para essa, mas Maria Carmen estava muito ocupada e só nos poderia falar no dia seguinte.

— Ocupada a ensalar números novos? — perguntámos.

— Não! Ocupada a acabar vestidos para as freguesas!

Julgámos ter errado o número do telefone, mas do outro lado do fio veio a explicação:

— É que eu sou, também, modista, e, como vou partir, tenho de deixar muitos trabalhos prontos!

Ficámos radiantes. Afinal, o assunto ainda era melhor do que supunhamos!

E, no dia seguinte, lá estávamos em casa da Maria Carmen, onde ela trabalhava, no meio de algumas costureiras que pediram por tudo para não ficarem no retrato! Horror à fotografia ou medo dos namorados? Ficámos sem saber.

Mas o que nos interessava era a Maria Carmen, e a conversa começou, naturalmente:

— Quando começou a cantar?

— Aos 17 anos! Hoje tenho...

— ...Não diga! Em nossa opinião continua a ter os mesmos 17!

— Muito obrigada! Pois estreei-me no antigo «Luso», na Avenida da Liberdade!

— Porque prefere o fado a qualquer outro género?

— Porque o sinto! Mas não digo que não cantarei outro género de canções portuguesas. Penso, até, no meu regresso da Ilha da Madeira, em aceitar um convite para ingressar numa companhia de revistas, onde não cantarei fados!

Concordamos, e a conversa continuou:

— Ultimamente tem cantado pouco! Porquê?

Ela sorri, embaraçada.

— Eu lhe digo... Eu e a Berta somos, exceptuando, é claro, a Amália Rodrigues, as fadistas que ganham maior «cachet»...

Compreendemos perfeitamente.

— Mas... porque foi esta idéia de ser modista?

— Bem vê... O fado não chega! Rimos ambos, da sinceridade com que a resposta foi dada.

— E, depois, sabe... não tenho feito para estar parada!

— Quando parte?

— Dia 10, calculo eu...

— Então até à volta... E cá a esperamos, para ouvir as tais canções...

Desejámos-lhe boa viagem, mas não que agradasse.

O êxito tem-no ela certo, e bem o merece pela sua voz privilegiada, pelo sentimento que imprime ao fado e até pela sua irradiante simpatia.



A Maria Carmen core à máquina. Ia mesmo disse: — Não posso estar sem fazer qualquer coisa!



A noite, cantando o fado Quem sabe se alguma cliente da modista Maria Carmen estará na sala a ouvir a fadista Maria Carmen!

A «prova». Até o manequim deve estar admirado!



HA
1000
CREMES DIFFERENTES,
MAS

HA SÓ
1
CREME
MATITÉ
DIA NOITE

Pode-se ter certeza que o que significa "concentração" para a maioria é "concentração" para a maioria. Use o Creme MATITÉ, conhecido em todo o Mundo, e apresentará ao seu rosto uma suavidade e beleza incomparáveis, que somente expressam-se nos seus belos traços escuros.

L. PIVER

MEDICINAL
PASTA / **COURO**
TRATA
genivas dancornadas
ou sangrentas
EVITA
estomatitis mercuriais
su bismuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 1\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Tika
MATA
PERCEVEIOS
BARATAS
PULGAS
TRAÇA

Vende-se nas Farmácias e Drograrias
Depósitos: "Cada caixa \$300"
Lisboa — Largo do Contador Mor, 4-A
Porto — Largo de S. Domingos, 108

HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da página 6)

que agora alastra dos arrozais da China às florestas da Malásia, das plantações de borracha da Indonésia e das Filipinas ao continente africano, na palmeira poente da Argélia e em Lentegrado, na Crimeia, no litoral da Mancha e no estuário da Inglaterra. E é de que orizonte se avista e todos os combatentes, tenham ou não consciência disso, obedecem à imperiosa dos seus comandos. Depois da derrota da Rússia, a Alemanha nada tem a recear dum corpo expedicionário anglo-americano que será preciso transportar através dos oceanos. Com a entrada do Japão no conflito, ficamos mesmo em condições de ganhar a guerra no mar. A realidade dos números é actualmente a seguinte: dum lado cento e trinta milhões de americanos, quarenta e quatro milhões de ingleses e dezasseis milhões dos Dominós. Do outro, nove milhões de alemães, cinquenta de italianos e cem de japoneses. Cento e noventa e um milhões para as democracias e duzentos e oitenta milhões para o bloco totalitário.

À três anos de distância esta apresentação dos números e esta interpretação dos factos não decaíram, certamente, de despertar um sorriso em todos que puderem considerar a sua falta de fundamento.

O Rui não é um "menino prodígio"

(Continuação da página 22)

ser o Buíalo Bill II. Não são raras as vezes que, vestido com os trajes mais extraordinários que se podem imaginar, pergunta à mãe:

— Não parvo o Buíalo Bill?
Claro está que a venturosa mãe responde afirmativamente, não vá fazer alguma aventura...

Os brinquedos não ficam inteiros durante muito tempo nas mãos do pequeno génio. O seu espírito é rebelde a aceitar as coisas tal qual se lhe apresentam, e tudo, como na música, transforma tudo...

É encantador, o Rui Fernando, pelo seu ar natural, pelo seu espírito delicado e pela sua afabilidade. No intuito de não exercer influência sobre a sua formação artística, a família do nosso herói ainda não lhe ministrou quaisquer ensinamentos sobre música, antes porém, pensou interná-lo no Colégio Militar, a fim de fazer dele um bravo oficial do exército. Não convém, porém, é necessário deixar desenvolver naturalmente, por si só, o génio pela música. Se tiver que ser grande pianista, será; tudo leva a crer que sim, mas o conhecimento do futuro não pertence aos homens.

Algumas pessoas, valores incontestáveis na vida musical portuguesa, têm ficado admiradíssimas ao ouvir o Rui Fernando transportar uma música do modo maior para o menor e vice-versa. Quem sabe música pode avaliar quanta dificuldade há neste exercício, quanta memória prodigiosa é necessária para a fazer, de cor, sem conhecer sequer uma nota de música. Quanto aos tons, qualquer dia serve.

Rui Fernando Ribeiro Caballero e Seródio não é um menino prodígio cujo impertinente enchem os papás de Júbilo, como tantos que abundam por aí, mas sim um pequeno anjinho de alto prestígio, com uma inclinação para a música bastante invulgar. Senão, vejamos a resposta que nos deu quando nos despedimos:

— Não gostava de ser maestro porque estar só com a varinha no ar não tem começo algum!...

TOME HOJE MESMO LAXOBAC

Olhe pelos seus intestinos. Devem trabalhar com a regularidade dos bons relógios. Tome LAXOBAC, o novo chocolate laxativo que actua suavemente, mas com firmeza, sem causar a mais leve dor ou inchaço. «Laxobac» agrada, tanto aos adultos como as crianças, devido ao seu sabor agradabilíssimo.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.

i Desportos!

O estorpo desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.

A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de toda a energia

A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos

A elegância de movimentos require a máxima elasticidade

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero
A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero
SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



A força e resistência combinadas de grandes músculos sólidos e potentes

O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior grau de energia

A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado

O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa

Já leu o livro que está obtendo o maior sucesso?

...E mesmo contra a maré
de LOPES D'OLIVEIRA

Impecável pureza de estilo
e um grande poder de evocação das almas, das coisas,
da paisagem

Peça-o em todas as Livrarias e na
EDIÇÕES UNIVERSO, L.^{DA}

Rua da Misericórdia, 102-104 ~ LISBOA ~ Telefone 23551

AS SUAS VIDAS, A SUA CASA, O SEU AUTOMÓVEL ESTÃO SEGUROS NA

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
AL. GARNIER, 10

OS BASTIDORES DA RENDIÇÃO DA ITÁLIA

III

POR

**JOSÉ CORREIA
RIBEIRO**

CONTINUAÇÃO DOS NÚMEROS ANTERIORES

COMO SE PREPAROU EM LISBOA,

UM ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

No entanto, a invasão estava preparada para ser feita com forças inferiores às referidas. No decurso das negociações, os delegados de Eisenhower realizaram um «bluff» gigantesco.

Castellano e a sua comitiva, desta vez acompanhados por Zanussi, tomaram lugar, de novo, no «Savoya-Marchetti» dirigiram-se a Roma. O principal representante italiano fora informado de que os aliados não veto qualquer resposta de Roma. Mas, às sete e meia da noite seguinte, chegou uma mensagem afirmando que os italianos aceitavam o armistício e que o general Castellano regressaria na manhã seguinte à Sicília.

A meia-noite do dia 1 de Setembro não veio qualquer resposta de Roma. Mas, às sete e meia da noite seguinte, chegou uma mensagem afirmando que os italianos aceitavam o armistício e que o general Castellano regressaria na manhã seguinte à Sicília.

Quando os quatro negociadores se reuniram numa tenda do acampamento de Cassibile para esta terceira sessão, Castellano voltou a fazer nova objeção.

Calmamente, declarou que, embora o governo italiano tivesse decidido aceitar as cláusulas e ele tivesse vindo para esclarecer essa aceitação, não dispunha de poderes para assinar em nome de Badoglio.

Então, os aliados entraram em grande actividade. Fizeram compreender a Castellano que não estavam dispostos a consentir em mais demoras. Foram enviadas para Roma mensagens bastante agressivas, informando o governo de Badoglio que, se o general Castellano não fosse autorizado a assinar o armistício imediatamente, as negociações manter-se-iam de maneira irremediável.

O governo italiano recebeu instruções para depositar sem demora nas mãos do embaixador britânico no Vaticano, uma declaração escrita certificando que Castellano tinha plenos poderes para assinar o armistício.

As transmissões radiofónicas, que tinham sido nas vinte e quatro horas precedentes, pioraram em vez de melhorar. As condições atmosféricas tinham resolvido desempenhar um papel importante na canalização de notícias entre Roma e Argel.

Enquanto os operadores de T.S.F. suavam para tentar transmitir as suas mensagens aos negociadores, tanto os delegados aliados como italianos vagueavam sem saber o que fazer pelo acampamento ou aguardavam ansiosamente nas tendas a chegada de notícias.

O general Eisenhower tinha chegado ao acampamento durante a

tarde e reünira-se aos seus camaradas nesta tormentosa vigília.

Finalmente, às quatro e meia da tarde, um dos telegrafistas veio entregar uma mensagem acabada de chegar e dirigida a Castellano. Era do marechal Badoglio. Confirmava a Castellano os poderes para assinar o armistício em nome da Itália e anunciava que o documento necessário certificando esta autorização já tinha sido entregue ao embaixador britânico no Vaticano.

E, deste modo, o momento que aquelas semanas de negociações, secretas e ansiosas, tinham feito prever, estava à vista. Os negociadores e os outros membros do histórico grupo reuniram-se na tenda principal. O suor forte da tarde filtrava-se através das copas das oliveiras. De frente para a entrada da tenda, que tinha a forma simples do «V» da Vitória, todos assaram — primeiro Castellano, depois o general Smith. Ao sentar-se à mesa da barra, coberta com um pano de feltro, Castellano pôs uns óculos de gros de tartaruga e tirou a sua caneta do bolso interior do jaquetão azul que tinha vestido. Da algibeira de fora do casaco, um lenço branco sobressaía petulantemente.

Sóbre, a mesa, diante dele, havia apenas alguns cinzeiros, dois tinteiros e um telefone de campanha. Uma lâmpada eléctrica protegida por um «abat-jour» improvisado numa lata de conserva, no fundo da qual fora feito um buraco para dar passagem ao fio, estava suspensa sobre a cabeça de Castellano.

O representante de Badoglio pouco para junto de si as duas folhas «dilográfadas», deu uma vista de olhos pelas cláusulas, que já lhe eram familiares e, com um gesto expressivo, dobrou-se sobre o papel e assinou.

Montanari e o general Smith conservavam-se a sua direita e observavam por cima do ombro do general italiano. Os outros presentes estavam agrupados no lado oposto da mesa.

Então, o general Smith, pondo também uns óculos de grossos arcos de tartaruga, sentou-se do lado oposto da mesa e assinou com a sua caneta de tinta permanente.

Smith entregava a camisa de khaki militar, sem doíman. Estava despretensioso, não teve a mais pequena manifestação de prazer ao trapar a sua assinatura sobre o histórico documento.

O general Eisenhower apertou a mão de Castellano uma vez terminada a cerimónia. Ambos estavam sorridentes e satisfeitos. Para Eisenhower, aquele momento significava que lhe iam ser poupadas semanas, ou talvez meses, do seu plano de conquista da Itália, economizadas mi-

PREPARADO EM LISBOA,

ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

O coronel norte-americano W. T. Gordiner. — O general Maxwell Taylor, chefe das divisões aerotransportadas dos Estados Unidos.

lhares de vidas e garantida a posse da esquadra italiana donde resultaria o indiscutível controlo naval do Mediterrâneo.

Os outros oficiais presentes apertaram as mãos aos dois italianos. Não havia champagne, mas um dos presentes tinha uma garrafa de whisky. Despejaram-no em canecas de metal e todos beberam. Não se fizeram, porém, quaisquer saudações.

Depois saíram da tenda, onde, num gesto simbólico, trocaram o acto acabado de realizar, todos os participantes cortaram, como recordação daquele momento, pequenos ramos da oliveira que sobrava a entrada da tenda. O ramo de oliveira era, uma vez mais, como há vinte séculos, o símbolo da paz.

Após, a Itália tinha-se oficialmente retirado da guerra, mas o grande problema de anunciar o armistício tinha ainda de ser discutido e combinado.

A data para o desarmar-se em Salerno estava fixada. Tinha sido mesmo marcada antes dos italianos terem pedido a paz. O ataque devia realizar-se na noite de 8 para 9 de Novembro.

Os comandantes aliados queriam que o armistício fosse anunciado ao mundo inteiro na noite anterior ao desembarque, isto permitiria que a ordem de cessar fogo se espalhasse pela Itália e pelos exércitos italianos, e evitaria uma possível oposição italiana nas praias.

Os alemães pouco tempo para os alemães previram e pôem em execução eficazes contra-medidas. Decidiram, portanto, que seriam feitas simultaneamente comunicações, por Eisenhower e Badoglio, às seis e meia da noite de 8 de Setembro.

Os planos para o ataque entraram na sua fase final, mas na manhã de 8 de Setembro uma mensagem enviada de Roma para o quartel-general aliado, quasi fez malograr todo este plano.

BADGOLIO AMEACA RENEGAR O ARMISTÍCIO E DOS OFICIAIS AMERICANO ENTRAM EM ROMA, QUANDO ESTA ESTAVA OCUPADA PELOS ALEMÃES

Depois do emissário italiano, general Castellano, ter assinado secretamente o acordo de rendição, pouco antes da invasão da Itália em Setembro de 1943, sobreviu um acontecimento que, embora de uma dimensão mais romântica aventuras da última guerra. Um pedido de Castellano,

embora feito com honesta boa-fé, quasi lá provocando a destruição total dum diviso de aerotransportada norte-americana.

Esta tragédia foi evitada por uma única negra vedada à audição e coragem de dois oficiais americanos que entraram em Roma, impetivamente uniformizados, para se avistarem com o marechal Badoglio que os recebeu de madrugada, em pijama, depois dos dois americanos terem virtualmente passado debaixo do nariz dos alemães.

Em resumo, a proposta de Castellano era a seguinte: os americanos lançariam paraquedistas sobre os vários aeródromos situados ao norte de Roma e estes, depois de os terem ocupado completamente, avançariam com a maior rapidez para os subúrbios da capital. Quando ali chegassem, os italianos teriam em vários locais, armazéns de munições, armas e outros abastecimentos, inclusive câmbios e gasolina, que darlam aos invasores aliados a mobilidade que eles necessitavam para tomar conta da cidade.

Com a ajuda de unidades italianas dessa região — disse Castellano — os americanos teriam possibilidades de ocupar outros três aeródromos de Roma, que estavam situados mais próximo da cidade, e, na terceira noite, auxiliados por unidades italianas da guarnição da cidade, disporiam de forças suficientes para resistir aos ataques dos alemães, cujas principais forças estavam fora da capital.

Castellano, que fez esta proposta a 5 de Setembro em Cassibile, na Sicília, onde o armistício fora assinado, não tinha tido conhecimento do segredo de que a invasão de 8 de Setembro, estava fixada para 8 de Setembro, nem que o local escolhido era Salerno. Tampouco sabia que, nesse momento, fazia parte dos planos aliados lançar paraquedistas, não em Roma, mas no vale do Volturno, nas proximidades de Nápoles.

Os comandantes aliados, depois de terem discutido durante a noite a sugestão de Castellano, concluíram, ao amanhecer, que valia a pena tentar a aventura. Mas, isto significava o abandono de várias semanas de preparativos destinados ao projecto de Volturro e a preparação, no curto espaço de dois dias, duma operação contra o Euzemite. Evidentemente, normalmente levaria três ou quatro semanas a preparar. (Continua)

O general Alexander a bordo dum lancho ao largo do praia de Salerno, acompanhado pelo general Clark e pelo marechal do Ar, Cunningham.

A MODA PARIENSE RENASCE



Um original
casaco de
Scliaporelli.



Este é um vestido para o noite, de Balenciaga. — Um modelo inspirado nas túnicas gregas. É de seda branco e deixa um ombro nu. — Vestido do noite, de linhas sóbrias e magostasas.

As modas de Paris, vencidas, durante a guerra, pelas de Hollywood, voltam a exercer o seu domínio. A frase «o que se usa em Paris, volta a estar na ordem do dia — ou da noite, conforme for o vestido...

Este ressurgir das modas é um dos mais fortes sintomas do ressurgir da França. Paris, espiritual e elegante, volta a invadir e a admirar o mundo. Invasão em que as armas são modelos elegantes, e domínio em que a beleza é colocada no seu pedestal eterno, a fies se sujeita, de bom grado, o mundo feminino — e até o masculino, cofre forte deste «movimento» de modas.

As senhoras elegantes do mundo inteiro voltam de novo, para Paris, os seus olhares interrogadores e ansiosos. Melhor para Paris, melhor para a França e melhor ainda para o mundo.

Paris renasce nas suas modas. E, quando Paris está na moda, é sempre sinal de que as mulheres despiram os trajes masculinos e militares e voltaram a ser, simplesmente, e orgulhosamente — Mulheres!

OS
COSTUREIROS DE
PARIS
APRESENTAM
SUGESTÕES PARA O
OUTONO



Para de manhã. Até o sinaleiro a mandou parar para ver mulher. — Um lindo modelo de rua em cinzento. — «Toullure» em violeta e negro. — Uma nova moda: tem reminiscências dos trajes dos cossacos e ombros arredondados. À frente, grandes botões de metal.



Um dos aviões «Kronich», de dois lugares, em que foi batido o recorde mundial de altitude do vôo sem motor, sobre Monflorite (Huesca)

5.602
METROS DE ALTURA
NOVO RECORD
MUNDIAL DE
VÔO A VELA

DO NOSSO CORRESPONDENTE
EM MADRID LUIZ DE QUADROS

AINDA não há um mês que a alegria reinou no seio da grande família desportista espanhola. Miguel Ara e Luis Vicente Juez, tripulando cada qual o seu «Kronich» e levando cada qual também um passageiro, conseguiram subir, no curto espaço de duas horas, a 5.602 metros de altura. — estava batido por larga margem a última marca mundial de altura em avião sem motor, que pertencia a um alemão.

A formidável proeza desportiva a que nos referimos foi conseguida sobre o campo de Monflorite, na provincia de Huesca, em Espanha, região já quasi pirenaica onde as altas montanhas abundam, tornando-a sobremaneira favorável para tal desporto aeroductico.

Encontrada uma corrente de ar ascendente, os dois jovens aviadores espanhóis, voando a par, conseguiram, sem grande esforço, elevar-se a tão respeitável altura.

Miguel Ara, um simpático rapaz de vinte e quatro anos, considerado no seu país como um dos melhores especialistas do vôo à vela, é instrutor na Escola do Céro del Telégrafo, a poucos quilómetros de Madrid, onde, constantemente, classes de alunos se preparam para teve transcendente utilidade. Recordemo-nos dos grandes planadores britânicos utilizados na invasão da Europa...

Igualmente grande piloto de avião sem motor, Luis Vicente Juez é também profissional de vôo à vela, pois que na Escola de Céro del Telégrafo é professor da especialidade.

O novo «recorde» do Mundo, tão recentemente conseguido, ainda não foi homologado pela respectiva Federação Internacional; contudo, a aparelhagem de bordo dos dois planadores, devidamente selada, está já em poder do seu representante em Espanha.

Entre as melhores proezas aeronauticas conseguidas em aviões sem motor, pelos espanhóis, há que assinalar o vôo Huesca-Castellón, cidades que distam entre si cerca de 240 quilómetros.

E a finalizar esta pequena informação, diremos: Como em Huesca há sempre gente preparada para bater «recórdos», não nos deveremos admirar muito se num futuro próximo a nova marca mundial venha a ser estrondosamente batida por espanhóis ou portugueses para pacífica glória de tão simpáticos desportistas do...



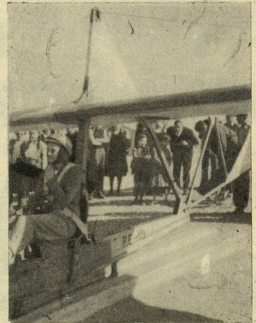
O novo «recordman» do mundo de vôo à vela (altitude): Miguel Ara.



Dois «ases» espanhóis do vôo à vela: Roman Oloide e Miguel Ara, junto do seu aparelho de escola.



Miguel Ara e os seus discipulos, futuros «ases» do vôo sem motor.



Em Espanha também há reparigos apaixonados pelo mais belo dos desportos da actualidade: o vôo sem motor.

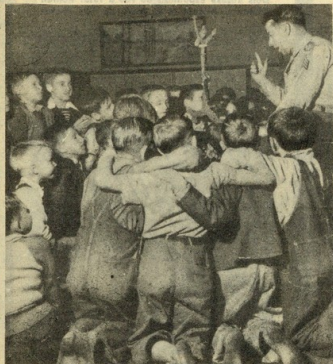
UMA ORQUESTRA PORTUGUESA DE CATEGORIA INTERNACIONAL



Fernando de Carvalho, o director da Orquestra, que é, também, um fértil e aplaudido compositor teatral, dá os últimos retoques numa composição sua. — Os três «miudos» da orquestra: João Luís Silveira (violino), Guilhermino Martins de Oliveira (saxofone) e Mário de Jesus (trompete).



Atenção, meus senhores! Vão ouvir a Orquestra de Variedades, dirigida por Fernando de Carvalho! Um... dois... E cá temos a abertura, tão conhecida dos ouvintes da Emissora Nacional.



O Director da Associação, John Ripley Forbes, fala sobre a vida dos pássaros, a um grupo de garotos.

DOIS MUSEUS DE HISTORIA NATURAL

Um para crianças brancas, outro para crianças pretas!..

As escolas rurais, nos Estados-Únidos, lutam, em geral, com falta de dinheiro e de bons professores, nada possuindo que se pareça de longe com o material de educação das escolas dos centros urbanos.

Na sua luta pela cultura, a Associação William T. Hornaday, cujo nome é o de um naturalista que desenvolveu o magnífico Parque Zoológico de Nova-York, fundou museus de História Natural para crianças em muitas das comunidades pobres do sul dos Estados-Únidos.

Em Geneva, Alabama, por exemplo, fundou dois museus: um para as crianças brancas e outro para as pretas...

Não sabemos a que razões de ordem pedagógica obedeceu essa idéia de pôr as crianças brancas num museu e as pretas noutra. Em todo o caso, sempre ficamos com a preocupação das crianças mulatas ficarem sem um museu de História Natural...



Um texugo embalsamado é examinado cuidadosamente



Aqui é o museu dos meninos negros. Esta garoto está encantada com uma cobra embalsamada.

VAMOS APRESENTAR-LHES # FERNANDO DE CARVALHO E A SUA ORQUESTRA

TALVEZ o leitor não saiba que há, em Portugal, músicos de «jazz» de tão excepcional categoria que têm sido convidados a ingressar em conjuntos estrangeiros de nome — daqueles que a Rádio e o Cinema apresentam, todos os dias, durante os «shows» do moderno firmamento musical. E com certeza que também ignora que há, num compreensível patriotismo (quási plegue, não é?), têm desmentido o chamado espírito aventureiro dos portugueses, preferindo a modorra dos nossos «dancings» ao ambiente alucinante dos «cabarets» estrangeiros...

Pois tudo isso é verdade, verdade pura, e deixe-nos o leitor apresentar-lhes algumas peças de autênticos «saxes» portugueses da música moderna: Albuquerque, Vilaça, Neves Gracia...

Os três fazem parte da Orquestra de Variedades do maestro Fernando de Carvalho, conjunto que o leitor tão bem conhece, pelo menos de ouvido, porque, durante todo tempo, actua, com enorme sucesso, no microfone da Emissora Nacional, acompanhando as «Variedades» e executando números de exibição, cliquetes de fazer andar a cabeça à roda aos amadores do género.

Traia-se, sem sombras de exagero, duma orquestra de categoria internacional, num grande conjunto que nos não envergonharia mesmo lá fora, nos países onde o jazz é soberano...

Ma — há sempre um «mas» quando se trata destas coisas, na nossa terra! — era difícil conciliar os interesses dos artistas com o horário da Emissora.

Todos, ou quasi todos os componentes da Orquestra saíram, a correr, das «Variedades», para irem tocar para «cabarets», e o seu director, Fernando de Carvalho, para o teatro, onde ainda chegava, ofegante, a horas de dirigir a segunda sessão...

E um dia, a Orquestra de Variedades, dirigida por Fernando de Carvalho, deixou a nossa estação oficial. Os seus elementos ficaram dispersos pelos vários «dancings» da capital. E o Fernando ficou onde sempre esteve: — no teatro, onde é um elemento de



Mais uma variação... Mário Teixeira (pianista) e Mário Barreto (bando-neon), combinam a uma mesa do Salão de Chá de «Chave de Ouro», antes do público chegar.



Combinado dois «saxes»: Domingos Ferreira Vilaça (clarinete) e Fernando Albuquerque (trompette).



Esta rapariga sorri, satisfeito, junto do retrato do seu chefe, o general Tito.



As raparigas das guerrilhas jugoslavas, todas magníficas atiradoras, não recebem as explosões, que não as detinham no seu avanço.



Um oficial jugoslavo inspeciona as espingardas das guerrilheiras.

As guerrilheiras Jugoslavas tomaram o gosto às armas!

A Jugoslávia foi, na Europa central, um dos países que mais se opôs à dominação nazi. Desde que lá passaram os primeiros soldados alemães, o povo, revoltado, não lhes detrou um momento de descanso. As cidades eram constantes e, por toda a parte, o nazi encontrava um sentimento de ódio irreprimível no olhar de cada jugoslavo. Homens de todas as classes uniam-se no mesmo sentimento de revolta, que explodia na primeira oportunidade. E, na sombra, organizaram-se forças de guerrilheiras que, a medida que os aliados iam avançando pela Itália e pela Alemanha, saíram para a luz obrigando os alemães a ceder. Dessas forças faziam também parte destacamentos femininos.

Pois bem: Agora, que a guerra terminou e que seria de esperar que essas corajosas raparigas retirassem ansiosas por voltar aos seus lares e retomarem os seus trabalhos femininos, elas continuam a treinar-se, persistentemente!

Gosto às armas? Convidação de que a guerra acabou apenas aparentemente e de que novamente a Pátria precisará do seu esforço e do seu heroísmo?

O certo é que as raparigas Jugoslavas não largaram as armas! Será o caso que elas querem regressar aos seus lares de espingarda em punho e nessa atitude interrogar os maridos sobre o que fizeram durante a sua ausência...

O RUI NÃO É UM "MENINO PRODÍGIO"!

por José Santos Jorge

NUMA manhã parda, em que o sol não quis aparecer, a mãe de Rui Fernando, enquanto banhava o filho, cantou não a canção alegre habitual, mas sim uma melodia triste. Entregue à tarefa de banhar o filho, a senhora, a quem a luz opaca daquela manhã de inverno imprimira, talvez, um pouco de tristeza, não reparou que o Rui estranhara o seu cantar. Calculou-se a sua admiração ao sentir o filho apertar-lhe o pescoço e pedir entre soluços e com lágrimas nos olhos:

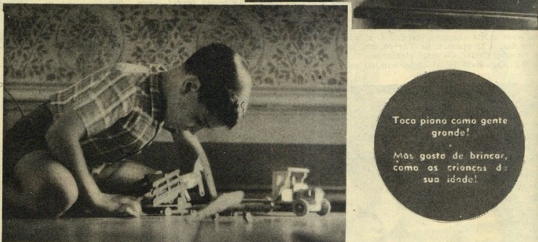
— Mãezinha, não cante assim!... Não?...

A mãe percebeu quantia expectativa angustiosa encerrava aquela *não?*... e trocou o canto melancólico e triste por uma canção alegre e viva como o pequeno entê que apertava contra o seio.

Fôra a primeira manifestação da sensibilidade do pequeno. Aos dois anos, Rui Fernando Ribeiro Caballero y Serdó chorava ao ouvir uma canção triste!

* * *

Antes dos três anos de idade o Rui Fernando sabia as primeiras letras. A família nada fazia para que ele aprendesse. As suas lições não eram vulgares: a avó, professora de instrução primária, limitava-se a responder; era ele que interrogava—que letra é esta, avó?



Toca piano como gente grande!

Mas, gosto de brincar, como os trincões da sua idade!

Eram assim as lições. Agora, com oito anos e uma cultura razoável, vai fazer exame de instrução primária, pois a lei do país já o permite.

Quantos lágrimas derramou ao ouvir música é impossível calcular. Se a música é alegre, delira; mas se está triste e doente a sua alma fica em pranto e não pode reprimir as lágrimas, embora se envergonhe de tal.

É extraordinário este garoto, que tudo aprende sem que o ensinam e que encontra na música o seu passatempo favorito. O piano é o seu maior encanto. Ele nos disse, com a máxima simplicidade e graça:

— Toco para aborrecer os vizinhos!

Mas tal não sucede; toca piano para regalo de todos os que têm a ventura de o escutar. Isto sem ter aprendido uma única nota de música.

Mas não é tudo: Rui Fernando compõe sobre todos os motivos, compõe de improviso, conseguindo decorar as suas composições! E caso curioso: ele, que tudo procura compreender e estudar, afirma que estudar é muito aborrecido!

Tudo serve de motivo. Um exemplo bem frisante: quando ao anunciar o festival de fogo de artifício, no hipódromo do Campo 28 de Maio, alguns tambores e gaiteiros percorreram a capital, trazendo aos ilibetos e gaiteiros musical do verde-jante e risonho Minho, o Rui aproveitou logo o motivo, imitando os tambores, com a mão esquerda, e as gaitas de foles com a direita, com uma perfeição de passar.

As canções dos filmes, no dia imediato aquêle em que as ouve, são logo modificadas segundo o seu sentido artístico.

Mas as canções tristes magoam-no. Junto da telefonia ou do piano, quando dêstes se faz ouvir alguma música suave, de sonho, o Rui Fernando não consegue reter as lágrimas. No entanto, longe de não querer continuar a ouvir essa música que o entristece, ele senta-se até ao fim, a sua alma vibra profundamente até que o último acorde se faça ouvir.

* * *

Não se julgue, porém, que pelo facto de gostar de música o Rui Fernando dispensa as brincadeiras dos outros meninos. A leitura dos jornais infantis é coisa sagrada, e um dos seus sonhos é

(Continua na pág. 16)



Aqui o Rui lê, atentamente, um jornal infantil.



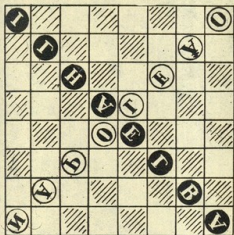
— Há quatro dias que não como.
— Quatro dias sem comer? Pois brinque com o estômago e verá o que lhe sucede.



— Permita-me que lhe apresente meu marido, amiga Inácia.

SOLUÇÃO DO JOGO DE «DAMAS» DE EUGENIO NAZARENO

Belo Horizonte (Brasil)



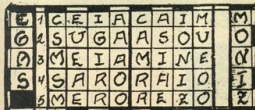
QUAIS SÃO AS ELEVAÇÕES MAIS ALTAS DO MUNDO?

Solução

- 1.º — De 3 a 4.000 metros: os montes Cenis, São Bernardo, Viso e Melje, na Europa; o Grande Atlas, o Tenerrife e o Camarão, na África; o Cook, na Oceania.
- 2.º — De 4 a 5.000 metros: Jungfrau, o Cervin, o Monte Branco, na Europa; e o Hooker, na América.
- 3.º — De 5 a 6.000 metros: o planal de Goína, o Kilima-Ndjaró, na África; o Popocatepetl, o Orizaba, o Cotopaxi, o Santo Elias, na América; e o Elbrons, na Europa.
- 4.º — De 6 a 8.000 metros: o Arequipa, o Chimborazo, o Aconcagua, o planalto de Pamir, o Bennezow e o Davalaghiri, na Ásia.
- 5.º — De 8 a 9.000 metros: o Djannocria, o Dapsang, o Kintchindjunga, e o maior entre os maiores: o Gautschikan, todos na Ásia.

PALAVRAS TROPOLOGICAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques, 54 do Bandeira 108, 3. LISBOA

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

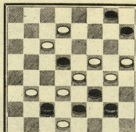
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 76 (Problema)

«La Provincia», 7/6/945

(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Lusitano IV»

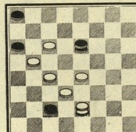


Mate em 6.

Secção portuguesa

PROBLEMA N.º 38

Por Orlando Augusto Lopes (Chamusca)



Jogam as brancas e ganham. (Mate em 7)

1.º PENALONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDENCIA DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

Resultados do sorteio da 2.ª eliminatória

(Continuação)

Série B

António Lopes (Ovar), Luís Gaspar (Chamusca), Germano Augusto dos Santos (Póvoa) e José Pereira Baptista (Lisboa).

Série C

Arnaldo Flores Raposo (Beja), José Soares (Alenquer), Rufino Strech de Miranda (Ilhas de Ave), e Carlos Pereira (Lisboa).

(Continua)

JOGO N.º 16

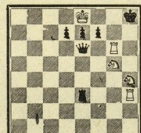
Solução

10-17	15.º	17-13
17-26	16.º	26-21
31-28	17.º	31-28
24-31 (D)	18.º	22-19
31-13	19.º	19-3 (D)
20-27	20.º	3-17-30-23-5 e.g.

XADREZ

PROBLEMA N.º 17

Por A. G. Hume



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16

1. R—b6.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 43 (Concurso)

Por Rocanoli (Nelas)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Ofende; 2—Extremidades; encaham. 3—Ícam; alimento. 4—Excluído; pôr assa. 5—Membro das aves; descendente de Mafoia; letra grega. 6—Imita. 7—Artigo (pl.); costume; letra grega. 8—Parte de embarcação; nome de homem (inv.). 9—Estremecor; folhagem. 10—Girar; arrabaldé. 11—Guarçacera de assa; adormar.

VERTICAIS: 1—Termina; mentira. 2—Dificuldade; gordura (pl.). 3—Sacudir; caixa. 4—Digerir; sacrificar. 5—Pro-nome pessoal (pl.); diabo; altar. 6—Comílio. 7—Parte da unidade; partidas; batráquilo. 8—Fruo de palmeira; rogem. 9—Borboleta dilrma; fechada. 10—Bolar; médo. 11—Nome de homem; sófrega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 42

HORIZONTAIS: 1—Amalha; tema. 2—Macia; telas. 3—Ara; armara. 4—Rir; ami; ser. 5—Abatoca; sã. 6—Amarara. 7—Li; economo. 8—Uva; asa; iva. 9—Domada; agir. 10—Inato; abaco. 11—Remo; ocaso.

VERTICAIS: 1—Amor; aludr. 2—Maria; Ivone. 3—Acerva; amam. 4—Lia; ame; ato. 5—Há; atacado. 6—Amorosa. 7—Tricena; ac. 8—Tem; ar. abs. 9—Ela; agmas. 10—Mare; ovino. 11—Asaram; aros.

Note—Os dicionários adoptados para a composição do problema de hoje foram: Torrinha, Augusto Moreno e Roquete (sinónimos).

PASSATEMPO

ANAGRAMAS

Das palavras Alto e Armo formar o maior número de anagramas que for possível.

DUAS PERGUNTAS

1.º—Quem inventou o telecópulo submarino?

2.º—Quem inventou a máquina de escrever aliciontas?

HIROGGLIFOS COMPRIMIDOS

Por Armando Nogueira (Lisboa)

Breve explicação

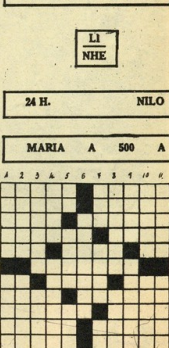
Os hieroglifos que hoje publicamos são, como todos sabem, resolvidos da seguinte maneira: 1.º—Todos os algarismos que apareçam nos ditos hieroglifos devem ser decifrados em algarismos romanos, exceptuando o 3,1416 que todos sabem equivale a Pi, e os algarismos que venham acompanhados de um h, como 24 h., que também os leitores sabem equivale a dia, por um dia ter 24 horas.

2.º—O X também equivale a Pi.

3.º—O X tanto pode valer dez, dez ou mesmo z. Exemplo: (z truz); neste caso o z vale dez, a fim de formar a palavra DESTRUZ.

Portanto, estes hieroglifos, bem como todos os outros, não obedecem à ortografia, mas sim à pronúncia.

- NETA
- FU VERMELHO
- X KKK K
- FLUIDO ORDENO
- 54 R DE AVEIRO
- LI NHE
- 24 H. NILO
- MARIA A 500 A



**DEBORAH
KER R**
Gentil artista do cinema
INGLÊS



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA EMENDA, 69 2.º - LISBOA - TELEFONE 2 5844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27